O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros	2$600	Trimestre ou 6 numeros $650
Semestre ou 12 numeros	1$300	N.º avulso ou pago á entrega $120
ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros	3$000	Semestre ou 12 numeros .... 1$500

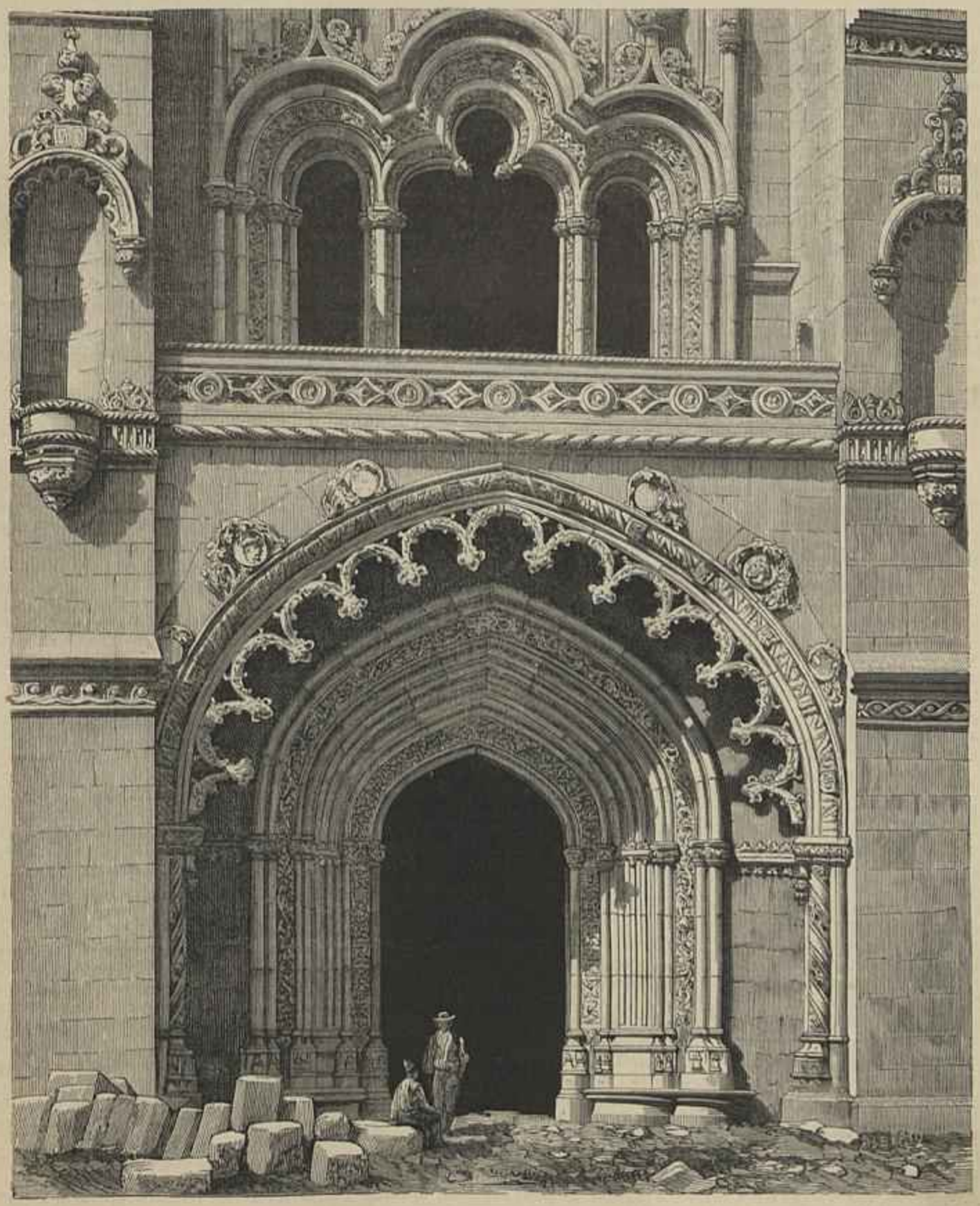
2.º ANNO—VOLUME II—N.º 26

15 DE JANEIRO 1879

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, Rua do Loreto, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados de seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.



PORTA E JANELLA DO CORPO CENTRAL DO EDIFICIO DA CASA PIA, EM BELEM (Segundo uma photographia de F. Rocchini)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, Guilherme d'Azevedo — Santa Maria de Belem e o novo edificio da Casa Pia, Augusto Fuschini — As nossas gravuras — O Piloto João de Lisboa, Bento Rebello — Actualidades scientificas, a lua será habitada? Camillo Flamarion — Excerptos — Typos da rua, o antigo boleiro de praça, Leite Bastos — Bibliographia.

GRAVURAS. — Porta e janella do corpo central do novo edificio da Casa Pia em Belem — Vista geral do novo edificio da Casa Pia antes da catastrophe do dia 18 de dezembro de 1878 — Romão Antonio Martins — Naufragio do vapor «Olga» na barra do Porto — O antigo boleiro de praça — Projecto do corpo central do novo edificio da Casa Pia — Enigma

CHRONICA OCCIDENTAL

Ha mais de quinze dias já que as lyras dependuradas nos salgueiraes dos partidos militantes desferem ao sopro da viração um côro de suspiros em louvor da infeliz Zambezia! E entretanto um caso estranho se observa: de tanta indignação, de tantas minas, de tanta eloquencia, de tantas florestas, de tantos pretos e de tantos logares communs despendidos, apenas uma pessoa se tem até hoje oproveitado: o sr. Paiva d'Andrada!

Os tribunos governamentaes não cessam de nos apresentar o sr. Andrada como um martyr addido á nossa legação em Paris, um martyr que um dia vê ao longe, abandonada ás correrias e a outros actos reprehensiveis dos selvagens, a bacia do Zambeze, e resolve remir a referida bacia da escravidão eterna — por acções, tal qual como o Nazareno, com a simples differença d'este não ter emprehendido a remissão do genero humano por meio d'uma sociedade de credito illimitado.

A rhetorica portugueza em especial, e em geral a dos apostolos governamentaes, pegou ha dias no sr. Paiva, collocou-o em cima d'um andor, pôz-lhe um resplandor de prata na cabeça, embuçou-o na modesta capa dos martyres e sahindo com elle para a rua em procissão, começou a prégar d'este feitio:

Aqui vae o redemptor das colonias, o que veiu remir Tete dos ferros da escravidão! Elle na sua mocidade vivera em Prris, a cidade do peccado, entretanto o bulicio da moderna Babylonia confrangia a sua alma predestinada! Se por ventura o convidavam para ir ao *café-Riche* a primeira cousa que fazia era pedir o martyrio para um, e, ainda mais; nutria sempre um desejo immenso d'atravessar o *boulevard* dos Italianos com uma cruz ás costas ajudado pelo chefe da legação, o sr. Mendes Cerveu Leal; não podendo entretanto Paris proporcionar-lhe na medida conveniente semilhantes flagelos, lançou as suas vistas pelo mundo, e vendo ao longe Zumbo disse comsigo: — é ali que eu quero ter o meu calvario de cem mil hectares e algumas florestas a servirem d'oliveiras! Tóca para Lisboa: vamos pedir ao governo a concessão do Golgotha de Tete por vinte annos, ou se não poder ser por vinte annos, por toda a eternidade.

Taes desejos foram logo, como era de justiça e dever, satisfeitos pelo governo, não obstante a junta consultiva do ultramar se lhe oppor em parte. A junta achava que no sr. Andrada concorriam todos os predicados que se exigem para a canonisação de um martyr, o que ella considerava porém demasiado era o tamanho do Calvario. Mediu-o, muito bem medido, e depois de uma longa meditação ousou dizer ao poder executivo: — não temos tanto Horto em Moçambique!

— Não importa; isso não é razão bastante para que se lhe não dê, respondeu o poder executivo. Basta-me a vossa confissão das excellentes qualidades do Redemptor: lavre-se o decreto a favor do Messias Paiva.

Em vista do que fica dito o auctor d'esta modesta chronica ousa propor ao ministerio da marinha um alvitre que lhe foi sugerido por um artigo que ha dias leu em certo jornal de Gôa.

O corpo de S. Francisco Xavier, o grande apostolo das Indias, está completamente arruinado: provavelmente nunca mais será exposto á veneração dos fieis. Ora esta infelicidade, que vem tanto em desabono da nossa fé como das nossas colonias, e dá ao mundo testemunho de que nós nos desfazemos tanto na crença como nas instituições, pode ser remediada em parte pela seguinte forma: E' o sr. Thomaz Ribeiro ver se o sr. Andrada consente n'uma troca de apostolado: em vez de ser despachado para Moçambique, vae redemptor para nova Gôa com as virtudes por inteiro — embalsamado.

N'estas singelas palavras não pretendo offender nem o sr. Andrada nem S. Francisco Xavier. Pretendo simplesmente lembrar ao sr. ministro da marinha que tem agora um bello ensejo de conservar ás Indias portuguezas uma reliquia que constitue hoje toda a sua fonte de crenças e de receita.

— Mais um bocadinho de politica meus senhores, visto na quinzena ultima ser este o assumpto obrigado das discussões. No circo Price viu-se o caso estranho de um funambulo chinez engulir uma espada de tres palmos de comprimento, mas os jogos malabares de tropos executados por alguns oradores que tomaram parte n'um *meeting* realisado no mesmo circo, foram muito mais assombrosos, não ha duvida.

A incidiosa politica, a perfida, não contente com os seus, não satisfeita ainda com o sr. visconde de Arriaga e com o sr. Pedro Franco, invade as regiões da arte e rouba-lhe os seus mais levantados espiritos. O poeta da *Morte de D. João*, esse mesmo acaba de fazer as suas primeiras armas no centro da rua do Alecrim, presidido pelo sr. Anselmo Braamcamp. Ouvi-o eu, ouviu-o muita gente que ficou agourando para a mesquinha e ridicula politica portugueza, horas de amarga provação desde que o estilete acerado d'aquelle espirito excepcional se estabeleça definitivamente no seio d'ella, n'um *fauteuil* do parlamento.

Ora eu não me proponho a discutir se o partido progressista tem ou não muitos peccados: o que sei é que entre outros mais modernos tem o sr. Ansur de que já agora não se póde ver livre nem a bem nem a mal. Resgata porém nobremente essa falta, ou por outra, essa *demasia*, com Guerra Junqueiro e Antonio Candido, a respeito dos quaes eu vou dizer uma banalidade que peço aos jornaes regeneradores queiram castigar como ella merece. Guerra Junqueiro é actualmente o maior poeta dos dois reinos regidos pelos srs. D. Affonso XII e D. Luiz I, e Antonio Candido — com isto é que muita gente circumspecta que nunca o ouviu se vae indignar — o maior orador!

— Pois maior do que Castellar, pergunta-me o leitor liberal indignado, pousando intencionalmente os punhos cerrados sobre esta folha, em cima da sua mesa!

— Queira perdoar meu caro leitor, mas parece-me que sim! Tão eloquente como elle, com menos alguns movimentos romanticos — o que constitue uma superioridade.

Dito isto resta-me declarar, para evitar suspeitas, que não pertenço ao centro da rua do Alecrim.

— Não sei se já fallei ao leitor do *Amigo Fritz*, amavel comedia em tres actos, d'Ekrman-Chatrian, representada ha mais de duas semanas no theatro de D. Maria II, em beneficio de Augusto Rosa? Não me lembro. Dir-lhe-ei entretanto que este ydilio de amor transplantado com todo o cuidado por dois rapazes de gosto para a lingua portugueza, teve uma vida ephemera como as das rozas da Casa Havaneza que apenas duram das 7 até ás 9 da noite no meio de uma atmosphera de fumo e de paes da patria. O *Amigo Fritz* reunia á sua qualidade d'ydilio de amor o d'ydilio culinario: era uma peça em que se amava e se comia muito, pois não obstante este lado pratico, tão bem comprehendido do nosso tempo, apenas deu algumas recitas entre os elogios dos jornaes, sem receber hostilidades nem enthusiasmos do publico que n'este momento acode todo para a Rua dos Condes ou para S. Bento, atrahido pelos vistosos cartazes que se propõem a satisfazer-lhe a sua curiosidade n'este ponto que ha tanto constitue uma interrogação fatal, — *Aonde está o gato?*

De resto todos os theatros começam a cultivar a *Revista* com excepção do normal, visto o governo não consentir ao primeiro theatro portuguez a exploração d'esse genero condemnavel e rendoso. Os poderes publicos apenas permittem hoje á scena modelo o *can-can* pelo entrudo. Glorias sejam dadas aos referidos poderes pelo afan com que diligenceiam elevar o nivel do espirito publico portuguez! É esta uma obra em que não deixa de lidar de dia e de noite o ministerio do reino: louvores lhe sejam dados!

— Em compensação da teia d'aranha que florece no theatro de D. Maria II, o theatro lyrico adquire cada dia feição mais cortezã e mais solemne. O novo programma d'ajudicação impõe o pagamento de duzentos réis só pelo simples facto da entrada no salão; ninguem poderá mais deitar a cabeça á porta do paraizo — de graça.

— Até aqui, ao momento em que eu traço esta chronica, o anno de 1879 não nos tem dado rasão de queixa. A propria galeria da camara dos deputados que toda a gente suppunha que cahisse até á sexta sessão, já vae em mais de doze, conservando-se ainda de pé, depois de submettida ás provas mais decisivas.

Esta bravura com que o caruncho parlamentar está desafiando os tempos, leva-me a acreditar que, á ultima hora, os poderes publicos mandaram espécar a galeria enferma com os mastros da *nau do estado*.

Guilherme d'Azevedo.

SANTA MARIA DE BELEM

E O NOVO EDIFICIO DA CASA PIA

Com os primeiros traços das liberdades communaes appareceu na Europa o estylo ogival, uma nova evolução da arte sob a influencia do mais elevado e puro espiritualismo religioso; a emulação das pequenas soberanias da edade-média, as profundas crenças das populações facilitaram-lhe o rapido desenvolvimento e a construcção de sumptuosas cathedraes; em tres seculos apenas uma grande superficie da Europa cobria-se de monumentos collossaes, e tão dispendiosos que hoje seriam quasi impossiveis aos maiores potentados coroados. O ardor religioso e a associação fraternal das populações explicam só este phenomeno unico na historia da arte; á voz do senhor feudal e do bispo, que o era egualmente, o povo reunia-se para a obra meritoria e santa da construcção do templo e as companhias de pedreiros-livres, vastas associações formadas com os fins evidentes de mutua protecção e de garantia de trabalho, traziam-lhes a sciencia, os architectos e os artistas de que a obra carecia.

Pelos fins do seculo XV o estylo ogival attingira a maxima decadencia, a Italia, que apezar das invasões successivas e das suas intestinas luctas conservára sempre o elemento classico, reagindo energicamente contra o bello estylo christão entrava em pleno renascimento. Bramante e Miguel Angelo esboçavam o projecto da grande basilica de S. Pedro a melhor concepção da renascença, que devia ter em breve uma profunda influencia sobre a arte na Europa occidental.

A invenção da imprensa facilitando o livro, o espirito de investigação e de livre critica, que no seculo seguinte produziu a Reforma, levavam ao estudo das philosophias e das sciencias que as invasões dos barbaros tinham refugiado

nos conventos. Com a litteratura irrompeu a esthetica classica, os grandes escriptores da antiguidade com toda a grandeza e solemnidade do seu estylo narravam as grandes luctas de Roma e de Athenas, a vida de duas civilisações brilhantes e activas, que enchiam de admiração e de tendencia imitadoras os espiritos cançados do exaltado mysticismo da edade-média. O espiritualismo christão completara a sua obra, o poder religioso concentrava-se fortemente em Roma, e os ultimos barões feudaes despindo uma a uma as peças das suas pesadas armaduras penetravam cortezãos e submissos nas ante-camaras dos suzeranos victoriosos; a tendencia para a associação fraternal, que caracterisa a edade-média, desapparecia sob estes dois despotismos por vezes em guerra aberta, mas sempre vigilantes e ligados para esmagar o que lhes ameaçava os vastos fundamentos.

As tendencias philosophicas, individualistas e anti-religiosas da renascença, a reacção da esthetica pagã sobre a christã, a dispotica centralisação politica e religiosa matando a vida energica e local das populações, oblitirando as suas crenças religiosas tornaram impossivel e bem depresssa incomprehensivel o magnifico estylo ogival. Dois seculos mais tarde, no meado do XVIII, Diderot, o encyclopedista, empregava a palavra gothico como synonimo de barbaro e como a oxpressão de mau gosto.

* * *

Portugal tambem teve o seu templo ogival pequeno em dimensões mas excellente, tão puro e harmonico no estylo que não duvidamos em o classificar um dos mais bellos, senão o melhor, dos monumentos da architectura christã. A piedade d'el-rei D. João I votou-o no dia 15 d'agosto de 1385, quando um punhado de bravos cavalleiros portuguezes recuava ante uma força superior nos campos d'Aljubarrota. E' o mosteiro da Batalha.

O templo da Batalha anda tão intimamente ligado ao estylo manuelino, que o leitor não achará por certo desarrasoado, o dizermos ácerca d'elle justamente o que necessario fôr para determinar as origens e os caracteres do bello estylo nacional.

Para nós a Batalha é do mais puro ogival inglez, construida por uma corporação de pedreiros-livres inglezes chamados a estes reinos por el-rei D. João em satisfação do seu voto, quando este principe esposou D. Filippa de Lencastre. A traça primitiva devemol-a pois a architectos inglezes, e ao curto praso em que foi construido deve o monumento a pureza e a harmonia que faltam a tantos outros, que se lhe avantajam em grandeza e sumptuosidade; começado pelos fins do seculo XIV a sua construcção terminou-se no periodo de 50 annos, isto é, por meados do XV.

No advento ao throno d'el-rei D. Manuel não encontrou este principe, constructor por excellencia, obra em que o terminasse senão nas vidraças coloridas e nas rendilhadas bandeiras dos arcos claustraes, em que se manifestam os primeiros traços da rica e caracteristica ornamentação manuelina. A influencia da renascença começava então em Portugal, e a ella se deve principalmente o estylo proprio do reinado de D. Manuel. No principio do seculo XVI começaram as obras das capellas imperfeitas, que deviam servir de jazigo a estirpe real, esta construcção constitue, a nosso vêr, a passagem do estylo ogival inglez para o manuelino.

Parece-nos muito provavel que a concepção portugueza se deve em parte a traça das capellas imperfeitas, e o architecto Matheus Fernandes, que hoje repousa na principal nave da egreja, podia ser o seu auctor, pelo menos a comparação das datas e a importancia do mestre não contradizem esta hypothese. E' certo porém que as obras da Batalha duravam ainda n'esta época, pelos menos as das soberbas vidraças coloridas, havendo entre os artistas citados nomes manifestamente italianos; entre estes apparece o do architecto Potassi, *cavaleiro da casa d'el-rei*, que não só é contemporaneo de Matheus Fernandes, mas a tradição conservou como architecto de Santa Maria de Belem. Segundo pensâmos Matheus Fernandes e Potassi foram os architectos das capellas imperfeitas, e por este dualismo se explica o caracter original de ser o estylo manuelino o producto da reacção reciproca do estylo ogival e do classico da renascença, o primeiro incarnado no architecto portuguez nascido e creado sob a influencia do venerando mosteiro, o segundo no architecto italiano formado pelas idéas dos mestres da renascença e pelo estudo das suas creações classicas.

E' possivel encontrar no estylo manuelino remeniscencias arabes, na ornamentação principalmente; é facil determinar como sobre elle influiram as discripções do Oriente e das novas terras descobertas, que os nossos navegadores tão repetidas vezes traziam á mãe patria; todavia estes elementos não são sufficientes para explicar a formação do estylo. A historia e a philosophia da arte repellem hoje as poeticas theorias dos que attribuem a formação do ogival á contemplação das florestas do norte ou, a nosso vêr, a do estylo manuelino á influencia do mundo oriental.

Se as nossas idéas são verdadeiras, o estylo manuelino é o resultado da penetração do ogival pelo classico da renascença, o producto das suas concessões reciprocas; um syncretismo artistico em que os caracteres discordantes dos dois estylos tendem a desapparecer e os mais proximos se harmonisam e completam. Este phenomeno não era novo na historia da arte, outro analogo se manifestou, quando o estylo byzantino transportado pelas colonias venezianas encontrou o latino na Europa occidental.

* * *

Se a indole especial d'este periodico comportasse um grande desenvolvimento nas materias de que se occupa, esta seria a occasião opportuna de rigorosamente demonstrar a these apenas esboçada, enumerando os caracteres fundamentaes do estylo manuelino, investigando o numero e o valor das influencias primordeaes e secundarias de que elle constitue a resultante. Na impossibilidade de o fazer parece-nos, comtudo, ter exposto o que sufficiente é para definir claramente a nossa opinião, e sobretudo fundamentar a ligeira critica das reconstrucções actuaes, que vamos tentar. Teem ellas defeitos como egualmente possuem bellezas, nós somos d'aquelles que preferem louvar a vilipendiar as obras dos nossos irmãos do trabalho, e porque trabalhamos sabemos, ai de nós! quanto é amarga a critica, que não duvida em dilacerar cruelmente o resultado de longas vegilias e de muito esforço intellectual. Como discipulo e não como mestre fallâmos, não veja o leitor em a nossa humilde opinião mais do que a expressão de uma sincera convicção, falsa talvez, porém jámais apaixonada, porque o nosso espirito admira o talento e o trabalho sem a menor inveja, que apenas sabe depremir, sem a menor lisonja, que apenas consegue mentir.

Em geral não será cousa facil para qualquer architecto a restauração de um edificio manuelino, emquanto nos restantes estylos, no ogival por exemplo, se podem comparar (e observe-se que em architectura a comparação é o principal estudo) dezenas de construcções importantes, no manuelino o estudo resume-se a um limitadissimo numero de edificios, dos quaes o mais importante, o de Belem, está incompleto. Não será esta a menor desculpa para os que intendem da materia e lhe conhecem as difficuldades.

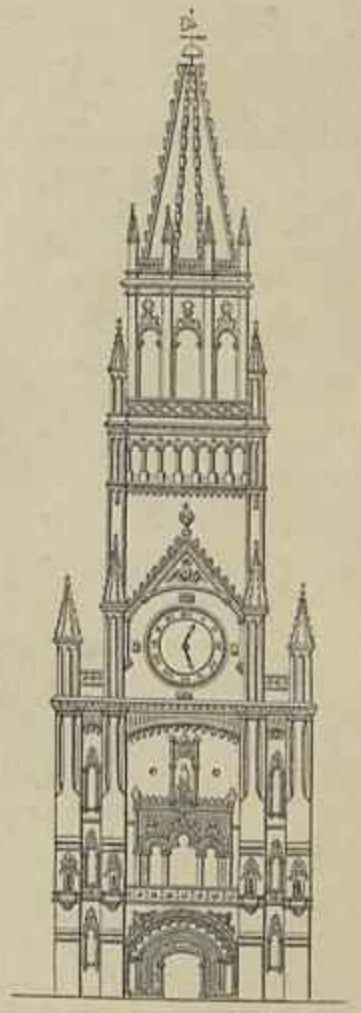
A restauração da Egreja de Belem deve em primeiro logar fazer desapparecer a horrivel e discordante capella-mór: este trabalho está projectado, não o conhecemos todavia e d'elle não nos occuparemos, porque o nosso fim é dar apenas idéa e apreciação ligeira do que está feito, ou se fez.

A restauração mais importante feita no templo foi a da torre: a nossa opinião é que o estylo manuelino exclue do ogival as grandes elevações fundamentaes e caracteristicas como as agulhas e corucheos, foi uma concessão que este estylo fez ao classico; as tendencias para as elevações verticaes do estylo ogival constituiriam uma verdadeira antinomia artistica com as horisontaes do classico; o manuelino conservou pois a disposição pyramidal na ornamentação como uma forma intermedia, alliando-a ás grandes linhas horisontaes classicas. Mais de uma vez nos parece ter sentido esta impressão observando os monumentos de Santa Cruz de Coimbra e de Belem, se ainda assim se admittir outra cobertura para a torre, que não seja a de terraço mais conforme com a ordenança geral do edificio em a nossa opinião, acceitariamos o corucheu, jamais o zymborio, que aos olhos mais inscientes se manifesta descordante e profundamente desharmonico.

Não teriamos egualmente rasgado a rosacea, que se vê na fachada occidental da egreja por duas razões: primeiro, porque nos parece ter concluido da observação não ser semelhante forma uzada nas fachadas manuelinas; depois, porque o ogival inglez prefere as grandes janellas rendilhadas.

O edificio novo offerecia maior liberdade de acção, todavia a sua excepcional posição junto do principal edificio manuelino, permittindo mui facil comparação, obrigava a um serio estudo; o architecto devia sem servilismo ter sempre em vista a harmonia do conjuncto. Fez-se este trabalho com extrema felicidade? Parece-nos poder responder negativamente.

As duas alas ornadas nos angulos de torreões são assaz elegantes, sobre o corpo central versa apenas a discussão. A seguinte pequena e muito nitida gravura dará ao leitor uma ideia exacta da sua ordenança, quando terminado.



Projecto do corpo central do novo edificio da Casa Pia

E' formado por tres partes distinctas, tão distinctas que no desenho, como é facil de verificar, produzem a impressão de tres corpos sobrepostos ou encastellados.

O primeiro corpo é constituido por quatro botareus geminados nos lados da fachada terminando em altura pouco differente, no intervallo central, abre-se um arco de volta inteira formando um magnifico portal e dando

VISTA GERAL DO EDIFICIO DA CASA PIA, ANTES DA CATASTROPHE DO DIA 18 DE DEZEMBRO DE 1875 (Segundo uma photographia de F. Rocchini)

accesso a uma bella escadaria; do cordão que separa os dois pavimentos para cima a parede da fachada recua deixando sobre o arco uma especie de varanda, sobre que se abre uma janella assaz larga e dividida por dois maineis; a certa altura esta parede firmando-se sobre arcos avança novamente embebendo os botareus. O arco central muito elegante e de pequena flecha fecha com as empenas em angulo muito agudo uma superficie consideravel onde se destaca um enorme relogio.

O segundo corpo é formado por uma grande torre quadrangular coroada de uma galeria de bello effeito, se bem nos pareça approximar-se muito das *arcaturas* do estylo romano-byzantino.

O terceiro corpo finalmente é composto por uma torre octogonal sobrepujada de um elevado corucheu, se exceptuarmos as dimensões e o remate em tudo semelhante ás torres angulares a partir dos peitoris das suas pequenas janellas.

Taes são em largos traços as linhas geraes do corpo central, sem entrar em maiores promenores, que nos não parecem convenientes em trabalho d'esta natureza, porque o leitor recuaria ante uma technologia a que não anda certamente muito habituado, e a descripção ganharia a obscuridade que acompanha necessariamente as architectonicas, quando não são esclarecidas pelos desenhos correspondentes.

A altura do corpo central deveria ser de 80 metros approximadamente.

Alem do que precedentemente dissemos sobre o emprego dos corucheus, que ainda aqui tem perfeito cabimento, e da impressão de encastellamento dos tres corpos, cumpre dizer que este projecto tem defeitos. A janella do primeiro pavimento por muito larga ainda que dividida pelos maineis parece achatada pelo peso da construcção superior; este defeito devia augmentar com a altura do edificio; entre ella e o arco achatado do frontão a ornamentação é pobrissima, pouco caracteristica e n'esta grande superficie perde-se o pequeno nicho e a estatua da Caridade.

O frontão com o relogio collossal é certamente o lado mais fraco da concepção, nada aconselhava aquelle enorme quadrante de caracteres negros e modernissimos, ornado nos diametros principaes por emblemas de que não se attinge facilmente á idéa; quem primeiro comparou este relogio com os americanos de exiguo preço por toda a parte expostos á venda fez-lhe a critica severa mas espirituosa e justa.

Se a estes defeitos juntarmos, o que para muitos pode ser ponto de duvida, a excessiva sacada do corpo principal em relação aos lateraes, e a sua pequena largura comparada ás alas e á sua grande altura; se notarmos que sendo os arcos do portico ogivaes o deviam egualmente ser n'esse pavimento todos os restantes, muito embora os dos outros pavimentos fossem circulares, teremos feito com verdade a critica geral do edificio em construcção.

Apezar dos seus defeitos o projecto tem valor artistico, e devia quando terminado produzir uma impressão muito agradavel mas não em verdade monumental; se porém estudarmos minuciosamente as suas linhas geraes e a sua ornamentação, encontraremos difficuldade em o classificar manuelino; ha n'elle um eclectismo artistico, que o faz approximar de um ou outro estylo conforme o lado, pelo qual o apreciamos; de facto o ogival e o classico misturam-se, mas não se combinam, não produzem a unidade esthetica que se denomina estylo.

Não basta a ornamentação para definir um estylo, multipliquem as cruzes de Christo, os emblemas de D. Manuel, enrolem as cordas onde bem quizerem, se os seus caracteres fundamentaes não foram comprehendidos e traduzidos o edificio ficará mais ou menos *bonito*,

ROMÃO ANTONIO MARTINS — (Fallecido em 18 de Dezembro de 1878)

(Segundo uma photographia)

NAUFRAGIO DO VAPOR «OLGA» NA BARRA DO PORTO OCCORRIDO EM 3 DO CORRENTE (Esboço do natural por Soares dos Reis)

mas não se imporá ao espirito como o producto possivel de um *meio* desapparecido no abysmo dos seculos. E todavia a conservação dos monumentos nacionaes é um dos primeiros deveres de um povo livre e culto, são elles a historia petrificada da sua vida moral e social: faça-se pois aos nossos a historia e a descripção artisticas, apezar das difficuldades que encerram, cuidando-se da sua delicada restauração com a sciencia e com o zelo, que bem merecem os traductores solemnes e venerandos das idéas e dos sentimentos das gerações extinctas.

AUGUSTO FUSCHINI.

AS NOSSAS GRAVURAS

ROMÃO ANTONIO MARTINS

O OCCIDENTE reproduz hoje a physionomia de uma figura original do nosso theatro contemporaneo.

Romão Antonio Martins, antes de ser actor foi militar, bailarino, musico, e compositor coreographico, fazendo parte da companhia de baile do theatro de S. Carlos. Para o theatro das Escolas Geraes chegou a compor um bailado que teve grande exito. Em 1845 fazia parte da sociedade dramatica fundadora do theatro do Gymnasio, na qualidade de actor, conservando-se no mesmo theatro durante a gerencia de Emilio Doux de 1847 a 1849. N'este mesmo anno assumiu o cargo de ensaiador que nunca mais abandonou, exercendo-o sempre com exito crescente e chegando a ser considerado como um dos primeiros no genero. Apesar de lhe faltarem os dotes de actor conseguiu, á força de intelligencia e de vontade, distinguir-se em varias peças, entre outras as *Duas bengalas*, *Pedro o Tecelão*, *Coração de Pae*, etc.

Os seus trabalhos de ensaiador são ainda citados como typos de perfeição artistica, no genero cultivado especialmente pelos theatros do seu tempo, reputando-se alguns verdadeiros prodigios, se se attender ás condições do theatro em que os executou. Citaremos como principaes a *Familia do Coleno*, a *Mãe dos Escravos*, as *Georgianas* o innumeras peças de espectaculo, oratorias, revistas, magicas, etc.

Em 1870, obrigado a resignar o cargo por certas desintelligencias, abandonava o theatro dos seus triumphos, aceitando o logar de ensaiador no theatro do Circo no Porto, aonde, entre varios trabalhos de merito, pôz em scena o drama militar d'espectaculo, *A Europa na China*, em que o trabalho de *mise em scene* foi talvez o maior elemento de *successo*.

Ultimamente regressou a Lisboa, escripturado como ensaiador para o theatro de D. Maria II, aonde pouco pôde fazer perseguido já pela cruel enfermidade que soffria ha alguns annos e de que afinal veiu a fallecer.

Conheceu profundamente o theatro e o publico, e soube como poucos descortinar os primeiros indicios d'uma vocação artistica, podendo affirmar-se, sem receio de que nos taxem d'exagerados, que, pelo menos um terço dos actores contemporaneos, entre estes alguns dos principaes, deveram á sua tutela desvelada uma parte da superioridade a que attingiram. O seu caracter altivo e um pouco auctoritario grangearam-lhe, por vezes resistencias, entretanto o artista de talento e de vontade encontrou sempre n'elle um mestre dedicado e um conselheiro zelozo.

S.

NAUFRAGIO DO VAPOR «OLGA»

No dia 3 de janeiro corrente, ás 8 horas da manhã, o vapor francez *Constantia* que pairava em frente da barra do Porto, abalroou com o vapor inglez *Olga* na occasião em que ambos pretendiam entrar aquella perigosa barra. O *Olga* soffreu um grande rombo no casco, entre os dois mastros, ficando com a roda da proa partida, vindo d'ahi a poucos minutos encalhar na praia de Mattosinhos aonde alguns barcos affrontando a furia do mar salvaram a custo a tripulação.

O *Constantia* apezar das avarias que soffreu poude demandar a barra de Lisboa, ao passo que o *Olga*, batido pela vaga, cahido para o lado do mar com a prôa despedaçada, ficou prostrado na praia sem que houvesse esperança de o safar.

A gravura que hoje dá o OCCIDENTE é feita sobre um esboço do natural desenhado algumas horas depois do desastre no proprio local, pelo distincto esculptor portuense o sr. Soares dos Reis.

Por esse esboço poderá o leitor vêr o estado lastimoso em que ficou o *Olga*, e fazer uma idéa exacta do theatro da catastrophe.

O PILOTO JOÃO DE LISBOA

(Continuado do numero antecedente)

Desde a data da ultima mercê feita a João de Lisboa, em 9 de setembro de 1519, até ao fim do reinado de D. Manuel não ha mais noticias d'este piloto, sendo de presumir que elle houvesse n'este meio tempo partido para a India a 6 de abril de 1520 na armada de que foi por capitão mor Jorge de Brito, devendo ter-se conservado pelo oriente até 1521 ou 1522, pois só nos primeiros tempos do reinado de D. João III continua o seu nome a apparecer nos documentos officiaes.

O documento, que em seguida transcrevemos, é o primeiro d'este reinado que a seu respeito se encontra nos registos officiaes. Vejamol-o e depois o analysaremos.

Dom joham etc. A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que avemdo nos respeito ao muyto serviço que joham de lixboa noso piloto moor nos tem feito asy nas armadas em que até ora foy aas partes da India, como em outras em que ffoy encarregado e deu de sy sempre fiell e verdadeira comta esperamos que ao diamte asy o faça e querendo-lhe por todo fazer graça e merçee temos por bem e o damos daquy em diante por noso patram da navegaçam da Imdia e maar oçeano asy e por a maneira que o ele deue ser e era gonçallo alluares com o quall careguo nos praz que ele tenha e aja e lhe sejam inteiramente gardados os priuilegios e liberdades e framquezas que se guardam aos outros nossos patromes se guardauam ao dito gonçalo aluares mandamos ao noso almirante da Imdia e capitamos que a ela forem corregedores juizes justiças e officiaaes a que esta nosa carta for mostrada e o conhecimento dela pertemcer que o ajam asy daqui em diamte por noso patram da dita navegaçam e mar oceino e lhe gardem as ditas homrras e liberdades framquezas ao dito careguo ordenadas na maneira que dito he e mais nos praz que elle dito joham de lixboa tenha e aja de nos como o dito patroadeguo quatro mill reis em cadahum anno de janeiro que vem de mill b e xxij em diante E porem mandamos aos vedores de nosa fazemda que lhos façam asemtar nos nosos liuros delaa e dar carta em cadahum ano pera lugar domde lhe seyam bem pagos e por certidam e ffirmeza dela lhe mandamos dar esta carta por nos asynada e asellada do noso sello pemdemte dada em lixboa aos xi de dezembro antonio afomzo a fez ano de mil b e xxj anos.

Liv. 51 *de D. João III f.* 28 *v.º*

Este documento envolve duas difficuldades.

A primeira no dictado ou na data. Sendo, como se ve, uma carta d'el-rei D. João III, não póde ter sido dado a 11 de dezembro de 1521, quando ainda vivia seu pae, D. Manuel, apesar de quasi agonizante, pois falleceu a 13 entre as dez e as onze da noite; por tanto considerando-o d'aquelle monarcha, está errado na data. Para o considerar mandado passar por D. Manuel, e lançado, como alguns outros desde monarcha, nos livros de registo do reinado de seu filho, encontramos ainda maior difficuldade, porque não era na ante vespera da morte, quando o rei, tendo adoecido no dia 4 de dezembro, se sentira apoderar da doença de tal forma, que já n'esse dia pouca vida tinha, que se lembraria de mandar passar uma carta d'aquella natureza. Portanto não parece haver erro no dictado.

O mais razoavel é suppor a carta errada na data. O erro porém póde dar-se ou no dia, e ter o copista escripto *xi* em logar de *xxi*, ou no anno, e transcrever *xxj* em vez de *xxij*.— Parece-nos o segundo erro o mais provavel, pelas seguintes razões: primeiro, porque não é natural, que tendo fallecido D. Manuel a 13 de dezembro, e levando-se nos cuidados do enterro, inauguração do novo reinado e aclamação de D. João III até ao dia 19, houvesse tanto afan em expedir mercês de ordem tão secundaria, para assim dizer nos primeiros dias de vida do novo reinado; segundo, porque esta carta se acha no registo respectivo precedida e seguida de muitos documentos datados de 1522, o que, junto a tudo o mais que dissemos, nos leva a crer, que a sua verdadeira data é 11 de dezembro de 1522.

Alem de que esta data combina melhor com a dos documentos, que logo apresentaremos de 1523, dando assim mais plausibilidade á confissão dos importantes serviços e viagens a que o rei se refere nas suas cartas. Egualmente se reforça mais esta nossa opinião, porque sendo estillo apresentar á confirmação regia, no principio dos novos reinados, as mercês feitas nos anteriores, se João de Lisboa houvera estado no reino no fim do anno de 1521, era mais natural ter apresentado á confirmação do novo rei, as mercês havidas de seu pae, logo nos principios de 1522, do que esperar um anno, para cumprir essa formalidade, aliás necessaria então.

Assentado este ponto, vejamos a outra difficuldade, apesar de ser de menos momento. Chama D. João III n'esta carta *piloto mór* a João de Lisboa, e não se encontra a nomeação de tal cargo. Uma de duas: ou o copista errou acrescentando a palavra *moor* irreflectidamente á designação de *piloto*, ou então já se havia feito essa nomeação, e houve esquecimento ou negligencia de a registar; isto nem é novo, nem singular. Portanto admittindo a falta de registo, vemos que o rei premeia os serviços do, já piloto mór, com a nomeação *do patrão da navegação da India e mar oceano*, o que presupõe viagens largas e recentes, e impossibilidade naturalmente de *Gonçallo Alvarez*, outro nome para acrescentar á lista dos pilotos d'aquelle glorioso periodo, cuja nomeação aliás não se encontra tambem registada, o que vem corroborar o que acima dissemos.

A carta que em seguida transcrevemos datada do Barreiro a 26 de fevereiro de 1523, e pela qual D. João III concede quatro mil réis de tença ao seu patrão João de Lisboa, repete a confissão dos serviços feitos pelo referido piloto ao mesmo rei e a seu pae, e aproxima a data, da outra que attribuimos a 1522, dando força á conjectura que aventamos, de haver João de Lisboa partido em 1520 para a India, sendo natural que estivesse de volta pelos fins de 1522. Eis o documento:

D. Joam etc. A quamtos esta nosa carta virem fazemos saber que avemdo respeito aos seruiços que joham de lixboa noso patram tem feitos a elrey meu senhor e padre que samta gloria aja e aos que nos ele outrosy tem feitos e esperamos que ao diamte nos fara e queremdolhe fazer graça e merçee temos por bem e queremos e nos praz que ele tenha e aja de nos de tença em cada hum anno des o primeiro dia de janeiro que ora passou desta presente era de mil e b e xxiij em diamte em quamto nosa merçee for quatro mil réis de tença e porem mandamos aos nosos vedores da fazemda que lhos façam asemtar em os nosos liuros dela e dar deles carta em cada hum ano pera lugar domde dela aja bom pagamento e por certidam dela lhe mandamos dar esta nosa carta per nos asynada asellada do nosso sello pemdemte dada na vila do barreiro aos vinte seis dias de fevereiro fernam roiz a fez de mil e b e xxiij anos E eu Damiam diaz a fiz escrepuer.

Liv. III de D. João III f. 21 *v.º*

Ora tendo João de Lisboa 18$000 réis annuaes concedidos por D. Manuel, acrescentando-lhe 4$000 réis, que D. João III por esta carta lhe concedeu vinha a vencer 22$000 réis, ou em moeda de hoje 116$000 ou 117$000 réis.

Dois dias depois, a 28 de fevereiro do mesmo anno de 1523, por carta datada do Barreiro, confirma D. João III a outra, de D. Manuel de 9 de setembro de 1519, já transcripta.

Do preambulo da referida carta de D. João III tambem se vê que João de Lisboa havia sido agraciado com a dignidade de cavalleiro da casa real, apesar de não se encontrar tambem a sua nomeação, facto que deixa bem conhecer a natureza e importancia de seus serviços, e o merecimento da sua pessoa, que, dotada de um nome tão vulgar, se soube elevar por elles á classe da nobreza, o que então era a summa distincção e recompensa dos homens. Eis a carta:

D. João & A quantos esta nosa carta virem Fazemos saber que por parte de joham de lixboa, caualleiro de nosa casa nos foy apresentada huna carta delrey meu senhor e padre que santa gloria aja de que o teor tal he:

(Inclue a carta de D. Manoel de 9 de setembro de 1519, já transcripto, e logo)

e pedindo-nos o dito joham de lixboa por mercee que lhe confirmasemos a dita carta e visto por nos seu requerimento e querendolhe fazer graça e merçee temos por bem e lhe confirmamos a dita carta e avemos por confirmada e mandamos que se compra e guarde asy e tam inteiramente como em ela he contendo dada na vila do borreiro aos xxbiij dias do mez de fevereiro fernam roiz a fez de mil b e xxiij anos e eu Damiam diaz a fiz escrepuer.

Liv. III de João III, f. 22.

Cessando n'esta data as noticias officiaes de João de Lisboa, as quaes só tornaremos a ter algum tempo depois, é natural attribuir a este periodo outras viagens. Ora é exactamente em abril e maio de 1523 que parte para a India, a armada de sete naus, de que é capitão mór D. Antonio de Almeida, devendo, o piloto e patrão d'essa navegação ter partido n'essa armada, e demorar-se por aquellas paragens até 1524 ou 1525, por isso que não temos noticia de quando voltavam muitas das naus que d'aqui partiam, nem se os empregados ou officiaes que n'ellas iam, voltavam nas mesmas, ou em outras, do que aliás, ás vezes, ha certeza.

(Continúa)

Brito Rebello.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

A LUA SERÁ HABITADA?

O estudo da lua tem, ha annos ou mesmo ha mezes a esta parte, feito progressos notaveis que modificam inteiramente as idéas professadas ha vinte annos sobre a natureza d'este mundo visinho. Na superficie do astro notam-se movimentos importantes: manifestam-se vestigios d'atmosphera ao passo que se verifica a existencia de vulcões em actividade. Chegou pois o momento de examinar o problema da habitabilidade da lua com o cuidado preciso, tratando este assumpto interessantissimo em todas as suas particularidades. N'um artigo unico não se poderiam reunir todos os documentos necessarios para a adopção d'uma opinião racional e definitiva, motivo este porque pedimos licença para examinar, conjuntamente com o leitor, esta questão curiosa, passando em revista os factos de observação que illucidam o problema. Astro da meditação e do mysterio, palido sol da noite, globo solitario errante no firmamento silencioso, em todos os tempos e entre todos os povos a lua atraiu sempre o olhar e o pensamento do homem.

Ella é com effeito a cidade celeste mais visinha da terra: formada porventura á custa do nosso globo e da sua propria substancia, entre nós e a lua existem laços de parentesco indissoluveis. Distando da terra 96:000 leguas, um telescopio que augmente os objectos 2:000 vezes aproximal-a-ha a 48 leguas apenas da nossa vista. Bastaria segundo e meio para lá chegar um despacho telegraphico, e o projectil despedido por uma peça de artilheria não gastaria mais de 9 dias para a alcançar, da mesma fórma que 8 mezes e 26 dias seriam bastantes para percorrer em trem expresso a distancia que nos separa d'ella, que não é senão a 400.ª parte da que nos separa do sol e a 100:000.ª parte da que vae da terra ás estrellas mais proximas!

Quantos homens não tem caminhado a pé sobre a terra uma distancia egual á que nos separa da lua?! Uma ponte formada por trinta globos terrestes bastaria para ligar entre si os dois mundos.

Ha perto de dois mil annos Plutarcho escreveu um tratado, debaixo d'este titulo: *Da face que se vê na lua*, e Luciano de Samosate, fez uma viagem imaginaria ao reino d'Endymião. Ha dois mil annos a esta parte, e sobretudo nos annos que succederam ás primeiras descobertas astronomicas do oculo de alcance, cem viagens n'este mundo visinho têem sido descriptas por viajantes possuidores d'uma imaginação ás vezes brilhante mas nem sempre esclarecida por uma sciencia demasiada: o mais curioso d'estes romances scientificos é ainda o de Cyrano de Bergerac, que encontra na lua homens semelhantes aos da terra mas dotados de costumes singulares que não offerecem, como se póderia imaginar, nada de commum com os nossos. No tempo de Plutharco tinham-se já supposto na lua seres analogos ao homem, mas, não se sabe por que, quinze vezes maiores. Na primeira metade do nosso seculo, em 1835, correu pela Europa inteira uma brochura de John Herschell, representando os habitantes da lua munidos d'azas de morcego e voando á maneira de «patos» sobre os lagos lunares. Edgard Poë obrigou um interessante burguez de Rotterdam a realisar a viagem á lua em balão, fazendo depois descer a Rotterdam um habitante da lua para dar novas do viajante. Mais recentemente ainda, Jules Verne armessou á lua uma balla-wagon, é entretanto para lamentar que os viajantes celestes não tenham nem sequer entrevisto os selenitas e nada tenham podido saber das cousas que lhes diz-m respeito.

Esta encantadora lua tem soffrido na opinião dos homens vicissitudes eguaes ás da propria opinião como se não passasse d'um personagem politico qualquer. Ora considerada como uma mansão adoravel, paraizo celeste e terrestre ao mesmo tempo, região bemdita do ceu, rica d'uma vida luxuriante, habitada por seres superiores; ora reputada um abysmo espantoso, desherdado de todos os dons da natureza, deserto e taciturno, verdadeiro esquife ambulante esquecido nas alturas. Antes da invenção do telescopio os philosophos antigos eram compellidos naturalmente a vêr n'ella uma terra semelhante á que habitamos. Quando Galileu dirigiu a primeira lunceta astronomica para aquelle globo e reconheceu na superficie d'elle montanhas e valles analogos aos relevos de terreno que caracterisam o nosso planeta, e vastas planices cinzentas que facilmente podiam ser tomadas por mares, a semelhança entre tal mundo e o nosso pareceu evidente, e tratou-se immediatamente de o povoar, não de uma humanidade real, mas d'animaes variadissimos. Desenharam-se os primeiros mappas da lua e concordou-se em baptisar estas grandes manchas escuras que se observam a olho nu, com certos nomes de mares que ainda hoje conservam. Os astronomos, os pensadores, o publico intelligente esperavam um progresso rapido na grandeza dos telescopios e propoz-se mesmo no reinado de Luiz XIV, construir um «de dez mil pés de comprimento devendo mostrar animaes na lua.» Infelizmente os progressos da optica não vinham, nos seus resultados em apoio da imaginação dos optimistas. Ao contrario, quanto mais os instrumentos se aperfeiçoavam mais se desfaziam as pretendidas analogias entre a lua e a terra. Distinguindo-se nitidamente a superficie dos supposto mares demonstrava-se que esta superficie não era liquida nem tinha unidade, e era como que arreenta, rugosa e accidentada por mil relevos, collinas, valles, crateras, circulos, etc. A observação aturada não chegou mesmo a descobrir no astro um unico mar ou lago, nem tambem a prova certa da presença da agua sob qualquer fórma, nuvem, neve ou gelo. A observação não menos pertinaz das estrellas e dos planetas, no momento em que a lua passa por diante d'elles e os occulta, mostrava ao mesmo tempo que estes astros não ficam velados nem refractados quando tocam o bordo do disco lunar, e que portanto este globo não é dotado d'atmosphera sensivel. A analogia que se julgava pois existir entre os dois mundos evaporava-se completamente, a vida lunar desapparecia como fumo e, pouco a pouco, se foi adquirindo o habito de escrever em todos os livros d'astronomia esta phrase já tradicional: *A lua é um astro morto.*

Era talvez uma conclusão ligeira de mais. Sobretudo era illudir-se singularmente com o valor do testemunho telescopico.

O meu antigo mestre e amigo Babinet, pretendia que se porventura houvesse na lua rebanhos d'animaes analogos aos dos bufalos da America, ou columnas de soldados marchando em ordem de batalha, ou ribeiros, canaes, caminhos de ferro, monumentos como *Notre Dame*, o Louvre, o Observatorio; o telescopio de Lord Rosse permittiria reconhecer tudo isso. Dizia-se com effeito que este telescopio colossal cuja lente tem o diametro de 1 metro e 83 centimetros, e cujo comprimento excede a 16 metros, sendo o maior que até hoje se tem construido, poderia augmentar 6:000 vezes os objectos. Ora como augmentar um objecto longiquo ou aproximal-o é geometricamente a mesma coisa, se com effeito se podesse aproximar 6:000 vezes a lua, vel-a-ia-mos a 16 leguas apenas. Entretanto o telescopio de Rosse não é perfeito, e longe de poder supportar augmentos de tal ordem, não póde ir além de 2:000, se por ventura se pretende vêr utilmente.

De que serve augmentar desmedidamente uma imagem que deixa de ser pura e de poder ser utilmente observada?

O solo lunar é formado de materias analogas ás que constituem o solo terreste, e o globo lunar parece luminoso simplesmente porque é illuminado pelo sol no meio do espaço tenebroso. Approximadas por meio de poderosa lente que as augmente 1:500 vezes, certas regiões parecem já extremamente escuras. No estado actual da optica o mais forte augmento a que *utilmente* se póde chegar na observação da superficie lunar é de 1:000 vezes o diametro, o que representa um milhão de vezes em superficie. Em conclusão, a 96 leguas, o maximo, é que podemos approximar a lua de nós: 96 leguas em vez de 96 mil.

Ora, pergunto, o que é que se poderá distinguir e reconhecer a uma distancia approximadamente de 100 leguas?

A apparição ou desapparição das pyramides do Egypto, n'este caso passava certamente desapercebida «Nada se vê mover na lua» objecta-se muitas vezes. Acredito facilmente. Seria necessario um terrivel tremor de terra (ou tremor de lua) para que da terra se podesse observar a catastrophe, e n'este caso seria ainda preciso que, justamente n'este instante, houvesse na terra um astronomo, favorecido por um ceu puris-imo e um poderoso instrumento, occupado em examinar precisamente a região do cataclismo, do qual não seriamos prevenidos por especie alguma de ruido. A catastrophe mais espantosa poderia sobrevir, a lua inteira poderia estallar em mil destroços que nem o mais ligeiro ruido atravessaria o espaço que nos separa d'ella.

Quando se affirma pois que a lua não é habitada, simplesmente por que nada se move n'ella, acredita-se singularmente no valor do testemunho telescopico. A 5 ou 6 kilometros d'altura em balão, n'uma atmosphera pura, com um bello sol, distinguem-se a olho nu, as cidades, as florestas, as ribeiras, as estradas, mas não se vê mover coisa alguma, e a impressão que directamente se exprimenta (tenho-o exprimentado nas minhas viagens aereas) é a do silencio, da solidão, da ausencia da vida.

Nenhum ser vivo é já visivel, e se não soubessemos que existem cultivadores n'essas campinas, rebanhos n'essas planices, aves n'esses bosques, peixes n'essas aguas, nada nol-o poderia fazer advinhar. Se a terra é pois um mundo morto visto a 5 ou 6 kilometros de distancia apenas, como se póde affirmar que a lua seja realmente um mundo morto, por que ella o parece observada á distancias de 100 leguas ou mais? O que se póde observar da vida a uma tal distancia? Nada seguramente, porque florestas, plantas, cidades tudo desapparece.

(Continúa.)

Camillo Flamarion.

EXCERPTOS

Os olhos são a muitos causa de muitas desventuras.

Fr. Heitor Pinto.

Os desejos começados a declarar muito mal soffrem a dissimulação depois.

O querer bem ou nasce das esperanças ou com ellas.

É natural da ira, quando nasce entre parentes sugira mais a razão que com os estranhos.

A virtude e a riqueza onde estão não se escondem.

A razão com que as coisas justas se commettem, é a que vence.

Bern. Ribeiro.

TYPOS DA RUA

O ANTIGO BOLEIRO DE PRAÇA

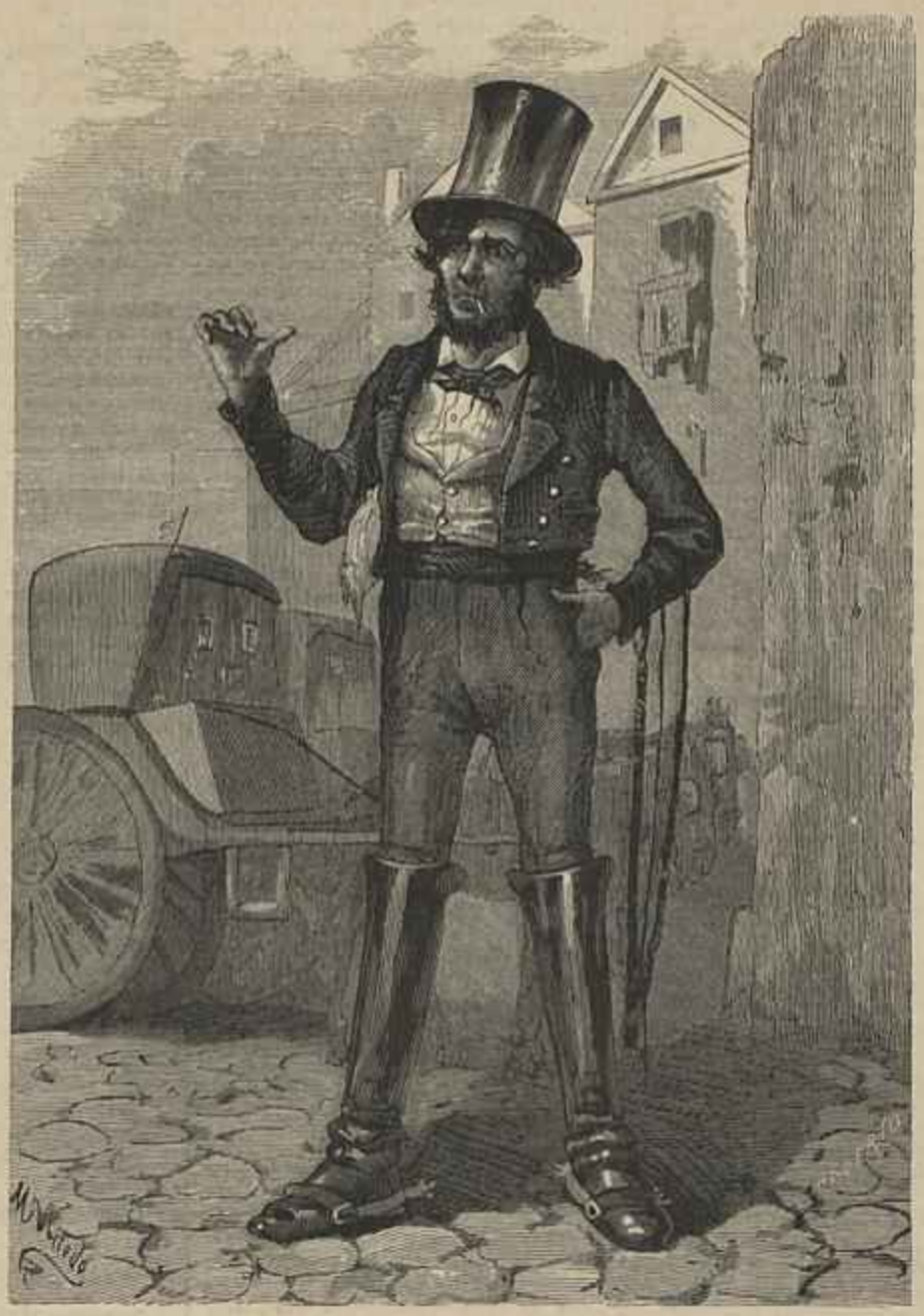
Era de poucas fallas, afeito ao tempo, rijo, secco, destemido; de physionomia tempestuosa, olhar curiscante.

Não se ria nunca. Nem era para graças. Sorria apenas em raras occasiões, mas cada um d'esses sorrisos era como pronuncio de aguaceiro certo.

Havia uma só coisa capaz de o impalidecer deveras: — o malsim da casinha! duas que o obrigavam a descobrir-se: — quando passava Nosso Pae, ou quando lhe davam a gorgeta.

Esta geração de agora, calça por outro sapateiro, e já não tem pernas para aquellas botas collossaes, que elle usava no mais prefeito accordo com duas enormes esporas, cujas rosetas formidaveis seriam capazes ainda de rasgar o ventre a uma baleia.

A cinta andava-lhe sempre quatro dedos abaixo do collete, sobre os calções esticados de



TYPOS DA RUA — O ANTIGO BOLEIRO DE PRAÇA

bolbotina azul, o collete dois dedos acima do estomago, a jaqueta, de grandes bandas, muito apertadas nos punhos, não lhe chegava nunca aos quadris.

O lenço do pescoço era invariavelmente de uma côr vermelha. O de assoar, sem côr conhecida, pendia-lhe á direita de um bolso divorsiado da jaqueta.

Completavam-lhe o typo as fartas mellenas empastadas sobre a testa acanhada e negra, e as emmaranhadas barbas, dispostas em fórma circular, aos lados da avinhada cara em que se sentiam asperesas singulares.

A nossa estampa representa-o na praça, á espera dos que veem. Está de cigarro do contrato, descahido com muita indolencia ao canto da rasgada bocca semiaberta, n'essa posição que era habitual d'elle, tendo a mão na ampla algibeira dos calções, o enorme chicote enleiado ao braço, e apontando com o indicador da mão direita para a sege que está ao longe, em um outro plano mais afastado.

A sege era como veem, uma especie de caixa meia fechada, assente em fortes correias de couro, que se balouçava sobre duas rodas enormes, á imitação do *Droschke* de Berlim ou do *Fiacre* de Paris.

Fazia este genero de viatura lembrar muito proximamente a primeira metade do seculo passado, e dava uma idéa bem completa dos meios incommodos de transporte empregados n'essa época.

Chamavam-lhe sege da bandeirinha em rasão de uma pequena bandeira, que, por effeito de postura municipal, era cada uma d'ellas obrigada a trazer.

No mais, devem convir que estava perfeitamente adaptada, por sua grande solidez, ás ruas escabrosas da immunda Lisboa d'esses tempos.

Ainda hoje existem alguns raros exemplares da antiga sege da bandeirinha, mas inteiramente condemnados.

Ella serviu para moer os vivos, depois para conduzir os mortos, e agora, nem já para os mortos se tolera.

Puchavam-na dois cavallos escanselados e pacificos, d'aquelles que o Tolentino lastimava, ou então dois miseros e lazarentos machos de grandes orelhas cahidas, um dos quaes ia nas varas e o outro era pacientemente montado pelo boleiro.

Descer de uma d'essas seges tornava-se um acto sério da vida, que demandava de certas formalidades. Primeiro apeiava-se o homem da boleia; depois ia elle correr as grossas cortinas que tinham ao alto duas frestas envidraçadas; abria em seguida a especie de alçapão que servia ao mesmo tempo de guarda lama; tirava do fundo da caixa um grosso fueiro de mais de metro de comprimento; collocava-o debaixo dos varaes para descanço do gado e por ultimo, depois de tudo isto que era feito em cadencias rapidas, ao compasso das enormes esporas que telintavam pela calçada sob o peso despotico das formidaveis botas, dava elle a sua mão calosa e suja ao passageiro, que acceitava tudo isto já sem reflexões, doidamente ancioso da liberdade dos seus movimentos e da liberdade das suas pernas.

Não seria caso para vertigem, mas era operação em que podia torcer-se um pé, ou desmanchar uma perna sem geito nenhum.

Tudo isto custava quatrocentos e oitenta réis, era o preço de uma corrida.

Nada mais barato em rasão do risco, sahindo-se uma pessoa a limpo de tão grande precipicio.

Na verdade, quem nunca houvesse sido desancado com um bom cacete, ficava desde logo fazendo prefeita idéa do caso, depois de ter andado duas horas de sege.

Até certo ponto acha-se por este processo explicada a irritação permanente do boleiro, o seu estado de irascibilidade chronica, aquelle praguejar constante, aquelle todo cheio de fastio e de agastamentos desabridos.

Só uma organisação de ferro poderia resistir e adaptar-se ao choutear inalteravel da boleia de uma sege de praça, a trote solto, desencontrado e violento, por caminhos mal gradados, em declives tromentosos, n'uma cidade accidentada como é Lisboa, n'esses bons tempos em que a capital não havia sido atacada ainda da actual febre remendeira dos melhoramentos materiaes.

Aquelles saccudidos solavancos da sege não só moiam os ossos á gente, como lhe contendiam a elle com os nervos.

Coitado!

A posteridade lhe fará justiça um dia, se quizer.

Esse velho boleiro *embalou* na sua sege uma geração inteira; o melhor que poude, com a maior perícia, e legou depois aos da sua profissão laboriosa, tradicções de muita fama; tradicções que de certo elles *ao fazer a praça* á roda do Rocio, ou no Chiado, hão de contemplar agora com orgulho, recostados commodamente, lá no alto da fôfa almofada de um coupé do Gomes.

LEITE BASTOS.

BIBLIOGRAPHIA

A MODA ILLUSTRADA. *Director-proprietario David Corazzi.* — *Rua do Atalaya* 42, *Lisboa.* — Na especialidade de jornal de modas é este o melhor que até hoje se tem publicado em Portugal, tão bom que não differe nada dos melhores que actualmente se publicam em França. Magnificos figurinos coloridos, abundancia de modelos de debuxos, explicações sufficientes, uma secção litteraria escolhida, tudo imprime a esta publicação um cunho d'elegancia pouco trivial nas folhas que até hoje se tem dedicado entre nós a similhante especialidade. Portugal consome hoje directamente de Paris alguns milhares d'exemplares de publicações d'esta indole: apresentar-lhe pois uma que satisfaça a todas as condições do bom tom, escripta em bella linguagem portugueza nitida e clara, corresponde a um serviço que o leitor saberá agradecer, assignando immediatamente para ella.

GUIA DE CORRESPONDENCIA E ESCRIPTURAÇÃO COMMERCIAL, *compilado por B. Moreira de Sá* — *Porto, Livraria Universal* — Eis um livro extremamente util que os acreditados editores portuenses Magalhães & Moniz, acabam d'arrojar aos mares da publicidade. O titulo explica perfeitamente a indole da obra. Todas as especialidades que se relacionam com o assumpto se pódem encontrar nas 560 paginas d'este volume tractadas com a maior proficiencia. Um livro assim representa um emprehendimento util, e acredita a casa editora que o publicou. Registramol-o pois como um dos proveitosos e bons livros que no anno ultimo sairam das officinas portuenses.

ENIGMA

Explicação do enigma do n.º antecedente:

Em casa de ferreiro espeto de pau.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6